

O Niilismo em Friedrich Nietzsche e Markus Gabriel: esclarecimentos para analisar “A História Sem Fim” de Michael Ende

Aleph C. Barbalho¹

Universidade Federal de Pelotas

RESUMO

Este artigo foi redigido com o objetivo de investigar o niilismo na filosofia e na literatura a partir da afirmação de Markus Gabriel (1980-) em “Por que o mundo não existe” (2013), segundo a qual: “Se eu partir do pressuposto segundo o qual eu sou apenas um monte de cordas vibrantes, que nutre a ilusão de ser um ser humano [...] o nada da *História sem fim* já me alcançou”. Primeiro, porém, antes de se aprofundar nesse pensamento do Gabriel que estabelece uma ponte entre a filosofia e um clássico da literatura alemã, “A história sem fim” (1979), do Michael Ende (1929-1995) esta investigação sobre o niilismo se volta à filosofia de Friedrich Nietzsche (1844-1900), por ele ser considerado o primeiro niilista. Com Nietzsche o niilismo se relaciona ao ceticismo, ao ideal ascético, à vontade de poder, ao eterno retorno, ao *horror vacui* e, por fim, ao além-do-homem. Posteriormente, na filosofia do Gabriel, se identifica que o niilismo está fundamentalmente ligado à primeira proposição principal da ontologia positiva, ao niilismo moderno e, por último, ao realismo moral. Por fim, tendo em vista essa prévia investigação conceitual de temáticas relevantes e complementares para realizar-se uma análise de “A história sem fim”, se verifica a repleta presença da temática filosófica niilista nessa obra da literatura.

PALAVRAS-CHAVE: Niilismo. Nietzsche. Gabriel. Moralidade. A história sem fim.

ABSTRACT

This article was written with the aim of investigating nihilism in philosophy and literature based on the statement of Markus Gabriel (1980-) in “Why the world does not exist” (2013), according to which: “If I start from the assumption that I am just a bunch of vibrating strings, which nourishes the illusion of being a human being [...] the nothing of the *Neverending story* has already caught me.” First, however, before delving into Gabriel’s thought which establishes a bridge between philosophy and a classic of German literature, “The neverending story” (1979), by Michael Ende (1929-1995) this investigation of nihilism turns to the philosophy of Friedrich Nietzsche (1844-1900), because he is considered the first nihilist. With Nietzsche, nihilism is related to skepticism, to the ascetic ideal, to the will to power, to the eternal return, to the *horror vacui* and, finally, to the overman. Subsequently, in Gabriel’s philosophy, it is identified that nihilism is fundamentally linked to the first main proposition of positive ontology, to modern nihilism and, finally, to moral realism. At last, in view of this previous conceptual investigation of relevant and complementary themes to carry out an analysis of “The neverending story”, it is verified the full presence of the nihilistic philosophical theme in this work of literature.

KEYWORDS: Nihilism. Nietzsche. Gabriel. Morality. The neverending story.

1. Agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela bolsa concedida à realização do curso de Doutorado em Filosofia na Universidade Federal de Pelotas (UFPEL); ao Prof. Dr. Clademir Luis Araldi pelas aulas ministradas e orientações para a realização deste trabalho.

* ORCID – alephcb@gmail.com

Recebido em 29/08/2023
Aprovado em 20/12/2023

1. Introdução

O interesse em desenvolver este artigo veio a partir do estudo de “Por que o mundo não existe” (2013), do Markus Gabriel (1980-), no qual o autor assume que se pressupor sua existência como mera coisa material que tem a impressão de viver como um humano com particularidades, objetivos, vontades e angústias, teria sido alcançado pelo Nada de “A história sem fim” (1979), do Michael Ende (1929-1995) (GABRIEL, 2016 b, p. 28). Ao mencionar o nada, se faz pensar no niilismo. Este termo vem do latim *Nihil*, que significa “nada”, somado ao sufixo “ismo”. É o reduzir tudo a nada (NASCENTES, 1955, p. 354). Na filosofia, ao se considerar o niilismo é imprescindível levar em conta as ideias de Friedrich Nietzsche (1844-1900), pois ele mesmo se reconhecia como o primeiro niilista realizado no ocidente (apesar de isto ser discutível na medida em que os tipos criados pelos românticos já parecem ter, anteriormente, todos os traços do niilismo fixados), pensando ter vivido o niilismo ao seu máximo, o tendo por todos os lados (NIETZSCHE, 2008, p. 23). O objetivo aqui é esclarecer as concepções de niilismo do Nietzsche, de Gabriel, bem como os seus conceitos e utilizá-los para analisar “A história sem fim”, verificando se há relevante repercussão filosófica, de tal temática niilista, neste clássico da contemporânea literatura alemã.

2. O Niilismo a partir de Friedrich Nietzsche

A primeira causa do niilismo é apontada por Nietzsche em metáfora que elabora sobre o ser humano acordado, em “Humano, demasiado humano” (1878), para estabelecer conceituação sobre o saber científico enquanto caminho cético para o conhecimento, que usa a razão da psicologia e história do ser humano. Isto é interessante na medida em que é interpretado como ponto de partida natural de sentimentos e conceitos morais, que pretendiam uma emancipação do ser humano (ITAPARICA, 2013, p. 69).

Tão sóbrio na vigília, tão cauteloso e cético em relação a hipóteses [...] durante o dia tem de satisfazer as severas exigências impostas ao pensamento pela cultura superior [...] O indivíduo mesmo atravessa hoje demasiadas evoluções internas e externas para ousar se estabelecer duradoura e definitivamente” (NIETZSCHE, HH, 13 e 22).

Mas Nietzsche não reconhece suficiência nesta sóbria vigília do ceticismo científico e suas pretensões. Não se apega aos resultados concretos e aplicáveis de pesquisas naturalistas, mas se atém a perspectiva de produção humana cultural e subjetiva, que se utiliza deste saber científico como analogia (ITAPARICA, 2013, p. 69). O estabelecimento de vínculo entre objetividade científica e finalidade para o que se sabe sobre a história humana provocou oposição entre o viver e o saber, causando um esgotamento humano (VIEIRA, 2021, p. 17).

A soma dos sentimentos, conhecimentos, experiências, ou seja, todo o fardo da cultura, tornou-se tão grande que há o perigo geral de uma superexcitação das forças nervosas e intelectuais; as classes cultas [...] estão mesmo cabalmente neuróticas (NIETZSCHE, HH, 244).

Nietzsche se opõe ao ramo das pesquisas que se denominam ciências por este ser muito relacionado à busca por um acesso a conhecimentos incontestáveis e universalmente unânimes. A ciência se mostra bem vinculada à noção de que há uma verdade solidamente acessível ao ser humano, sendo quase uma nova formulação do que já existia anteriormente, nas pretensões da metafísica clássica ou do cristianismo (SOUSA, 2015, p. 382 e 383). “Da atual ciência da natureza (junto com suas tentativas de escafe-der-se no além) [...] virada contra si, uma anticientificidade. [...] o homem rolou para fora do centro, para uma incógnita” (NIETZSCHE, 2008, p. 28). Esta incerteza, para Nietzsche é inevitável, quando se erguem as inalcançáveis pretensões da ciência, correspondentes às do cristianismo, enquanto grande alvo da crítica nietzscheana aos valores. Isto está quase diretamente relacionado ao que é o niilismo. Diretamente, ele é entendido como uma rejeição extremada de toda valoração, do sentido da existência e da desejabilidade da vida em geral (*Ibid.* p. 27).

O niilismo radical é a convicção de uma absoluta inconsistência da existência quando se [trata] daqueles valores que se reconhecem como os mais altos, adicionado o entendimento de que nós não temos o mínimo direito de acrescentar um além ou um em-si das coisas (*Ibid.* p. 29).

Isto verifica-se na ciência acabando em incógnita, após tentar satisfazer tal pretensão excessiva. Também é um ponto que merece destaque enquanto um no qual Nietzsche põe-se em acordo com um aspecto do pensamento kantiano. Afinal, há quem considere o maior mérito de Kant o ter distinguido fenômeno e coisa em si. Isto inclui a concepção de que por meio de um saber almejado objetivamente, pela representação das coisas como nos aparecem, como pretende a ciência moderna, criticada por Nietzsche, não é possível compreender o interior das coisas, de interesse humano (CHEVITARESE, 2018, p. 147 e 149). Porém, em questões morais, de valoração sobre como se deve agir, se destacam pontos de diferença entre Kant e Nietzsche. Agora, é interessante entender que, além desta crítica à ciência objetivista, os valores que Nietzsche aponta como reconhecidamente superiores mas não por ele são os relacionados à tradição cristã, à qual Kant se filia. São, na interpretação de Nietzsche exposta na “Genealogia da moral” (1887), os valores relacionados ao:

Ideal ascético como o jovial ascetismo de um bicho que se tornou divino e ao qual nasceram asas, que antes flutua sobre a vida do que nela pousa. Sabe-se quais as três palavras de pompa do ideal ascético: humildade, pobreza, castidade (NIETZSCHE, GM, III, 8)

Este é associado, por Nietzsche em discurso parabólico em “Assim falou Zaratustra” (1883) ao espírito humano sob metamorfose na figura de um camelo. A primeira de três das quais o autor se utilizará para ilustrar o seu pensamento. Elas exercem uma função já sendo carregadas de sentidos culturais e linguísticos que auxiliam Nietzsche a dar os precisos contornos que deseja (FERRAZ, 2000, p. 47). A figura do camelo se entende assim:

O que é pesado? Assim pergunta o espírito resistente, e se ajoelha, como um camelo, e quer ser bem carregado. [...] Não é isso: rebaixar-se, a fim de machucar sua altivez? Fazer brilhar sua tolice, para zombar de sua sabedoria? [...] Ou é isso: amar aqueles que nos desprezam e estender a mão ao fantasma, quando ele quer nos fazer sentir medo? (NIETZSCHE, ZA, Das três metamorfoses).

Nietzsche quer estabelecer parâmetro para transvalorar estes valores, pois não os reconhece alinhados às suas concepções do que é o nível mais alto da moral: a que prevalece quando o ser humano toma suas decisões de acordo com os seus parâmetros do que há e de quem está ao seu redor, estabelecendo para si e para os demais o que é digno de honra e útil, legislando para si as opiniões em geral (NIETZSCHE, *apud.* ARALDI, *in.* RÉE, 2018, p. 13). O critério reconhecido à transvaloração dos valores ascéticos, em direção aos mais úteis, a Nietzsche, é a vontade de poder. Base a novo instaurar valorativo, não atuando só como meio no qual valoração ocorre, mas como essência da sua possibilidade. É único valor verdadeiro que se pode encontrar, ponto de referência pelo qual tudo é avaliado com algum valor à vida humana, ou como não apto a sequer requisitar valor (HEIDEGGER, 2007, p. 92).

Importa esclarecer que a transvaloração dos valores não é criação de novos valores, nem transvaloração de absolutamente todos. Em sentido agora estrito, mas então, abrangente, dos valores da tradição cristã predominante quando Nietzsche viveu no ocidente europeu. É uma transvaloração de todos os valores em prol do retorno de outros mesmos que foram perdidos. Isto é previsto na medida em que, na expressão alemã utilizada por Nietzsche para se referir à transvaloração, “*Umwertung*”, no prefixo “*Um*” está contida a noção de movimento circular, queda, retorno e mudança (RUBIRA, 2005, p. 114). Assim, é bem justificado que:

É justamente esta a sua lei: que a partir do desprezo *novamente lhe nasce vida e beleza viva!* Com traços mais divinos levanta-se ela agora, e sedutora pelo que sofreu; e, em verdade, ainda vos agradecerá por tê-la derrubado, ó derrubadores! Este conselho dou a reis, igrejas e tudo o que se acha débil de idade e de virtude deixai-vos derrubar! Para que *volteis à vida e vos retorne a virtude!* (NIETZSCHE, ZA, Dos grandes acontecimentos, grifos nossos)

Esta face humana, destrutiva, é associada à figura do leão, na medida em que sua afirmação é do querer que brota dele próprio, de se realizar afirmativamente, de uma

maneira imperiosa e livre da submissão aos valores anteriormente colocados sobre ele para que os carregasse, enquanto semelhante a camelo. Como leão, outra vez transmutado, se identifica à negação dos valores anteriores, em conquista do direito de outros (FERRAZ, 2000, p. 51):

O espírito se torna leão, quer capturar a liberdade e ser senhor em seu próprio deserto. [...] Para que é necessário o leão no espírito? Por que não basta o animal de carga, que renuncia e é reverente? [...] Criar a liberdade para nova criação – isso está no poder do leão. Criar liberdade para si (NIETZSCHE, ZA, *Das três metamorfoses*).

Tal derrubada dos valores anteriores e destruição do que há sobre si, feita pelo espírito humano como leão, é semelhante ao reconhecimento da insuficiência da ciência ao tentar alcançar suas metas desmedidas, que visam o inalcançável por vias objetivas do saber. Mais uma vez, vem à tona o niilismo. Antes, em um sentido epistemológico e, agora, sob perspectiva deontológica, do ser humano que não tem mais sobre si deveres a guiar suas ações. Para Nietzsche, quando este nada se faz presente, manifesta-se um “dado fundamental da vontade humana, o seu *horror vacui* [horror ao vácuo]: *ele precisa de um objetivo – e preferirá ainda querer o nada a nada querer.*” (NIETZSCHE, GM, III, 1).

Para Nietzsche, a figura que representa a capacidade humana de, a partir deste nada, retornar à sua virtude, é a última metamorfose, do leão destruidor para a figura da criança. O sentido disto é principalmente o da criança é vinculada à inocência frente ao que há de acontecer na vida, pela não dependência de razões externas que atuem como motores para o conduzir das suas ações como poderia ser o caso dos deveres impostos por leis morais ou mesmo por uma forma do divino. A criança simplesmente leva a sua vida espontaneamente, como quer, em uma pura afirmação de si (FERRAZ, 2000, p. 53):

Inocência é a criança, e esquecimento; um novo começo, um jogo, uma roda a girar por si mesma, um primeiro movimento, um sagrado dizer-sim. Sim, para o jogo da criação, meus irmãos, é preciso um sagrado dizer-sim: o espírito quer agora *sua* vontade (NIETZSCHE, ZA, *Das três metamorfoses*, grifo do autor).

O que caracteriza este ser humano que, agora, se põe além-do-homem que era antes, é exatamente esta imagem da criança enquanto um aspecto da moral humana considerada uma resposta para como agir superar a si própria, de modo que não seja um ponto de chegada, mas um caminho a ser percorrido nesta autossuperação do que se é, após a necessária grande revolução interna em cada uma das suas etapas para que o espírito se transformasse (ULGUIM, 2012, p. 31). Desta forma, o além-do-homem é:

O homem da vontade própria, duradoura e independente, o que pode fazer promessas – e nele encontramos, vibrante em cada músculo, uma orgulhosa consciência do que foi finalmente alcançado e está nele encarnado, uma verdadeira consciência de poder e liberdade, um sentimento de realização. Este liberto ao qual é

permitido prometer, este senhor do livre-arbítrio, este soberano. [...] O possuidor de uma duradoura e inquebrantável vontade, tem nesta posse a sua medida de valor: olhando para os outros a partir de si, ele honra ou despreza; e tão necessariamente quanto honra os seus iguais, os fortes [...] ele reservará seu pontapé para os débeis (NIETZSCHE, GM, II, 2).

3. A revisão de Markus Gabriel sobre o niilismo

Em Markus Gabriel, o niilismo é derivado da defesa da não existência do mundo. Então, primeiro, é necessário esclarecer que, para Gabriel, o mundo é: “o último campo de sentido no qual tudo se manifesta” (GABRIEL, 2016 b, p. 82). Assim, surge outra demanda: de entender o que são campos de sentido, ou seja, “campos nos quais algo (determinados objetos) se manifesta de modo determinado. [...] Dois campos de sentido podem se referir aos mesmos objetos [...] de modos diferentes” (*Ibid.* p. 70). Um exemplo que ajuda a compreender de melhor é o de uma “mão”, que pode ser entendida como segmento terminal de membro humano um primeiro campo de sentido ao que é e, também, como um instrumento de trabalho de um pianista outro campo de sentido para a mesma coisa.

Tendo em vista estes conceitos, é possível demonstrar o argumento do Gabriel contra a existência do mundo, o qual ele denomina de “PRIMEIRA PROPOSIÇÃO PRINCIPAL DA ONTOLOGIA POSITIVA, segundo a qual existe necessariamente um número infinito de campos de sentido.” (*Ibid.* p. 78, grifo do autor). Se trata de um experimento mental. Suponha que há apenas um só objeto. Se este caso fosse real, não haveria um campo de sentido para este objeto se manifestar. Mas, é pressuposto por Gabriel que algo necessita de um campo de sentido para existir, de modo que um objeto, só, é o mesmo que nenhum. Logo, é necessário, para existir ao menos um objeto, que exista, além dele, um campo de sentido. Porém, um campo de sentido isolado de qualquer campo de sentido cairia no mesmo problema do primeiro objeto e, por isso, é pressuposto que deve existir, para pensarmos neste único campo de sentido, um outro campo de sentido. São necessariamente pressupostos um objeto e dois campos de sentido, que também são objetos do pensamento humano, o qual é outro campo de sentido onde existem, no mínimo. O pensamento, por sua vez, também só pode existir em outro campo de sentido e tal sequência se segue *ad infinitum* (GABRIEL, 2016 b, p. 78 e 79).

A conclusão que Gabriel assume, a partir disto é a de que, portanto: “jamais chegamos a um fim, jamais obtemos dessa forma o último campo de sentido no qual tudo se manifesta: o mundo” (*Ibid.* p. 82) e, por isto, em sua concepção, o mundo não existe. É desta percepção que se segue o temor de todas as coisas desabarem em um nada. Aqui, já se encontra uma primeira correspondência entre a postura de Gabriel e a de

Kant, na medida em que também está presente no pensamento deste último o problema da impossibilidade de determinar uma totalidade acessível ao conhecimento humano (MACHADO, 2019, p. 88). Esta experiência humana é caracterizada, por Gabriel, como o:

O NIILISMO MODERNO (do latim ‘*nihil*’ = ‘nada’), que se apresenta em muitas variações, diz que, em última análise, nada faz sentido. Nós lutamos e nos esforçamos neste pequeno planeta irrelevante, que se move pelo infinito, sem que pudéssemos dizer onde realmente nos encontramos ou para que tudo isso (GABRIEL, 2016 b, p. 84, grifos do autor).

Mas este fenômeno do niilismo não é necessariamente algo ao qual o ser humano está condenado, pois ele não elimina, *a priori*, a possibilidade de que se ergam valores para guiar as nossas ações. Este erguer valores, do qual Gabriel fala, também nunca diz respeito a uma possibilidade de produzirmos um sentido do nada, para as coisas. O que Gabriel quer dizer é que significa trazer à luz das nossas práticas cotidianas, pautadas em discursos que realizamos em conjunto, um sentido que já existe, mas pode estar obscurecido (GABRIEL, 2016 a, p. 95 e 96). “O niilismo ontológico é compatível com mundos carregados de valor” (*Ibid.* p. 98). A valoração da vida humana para Gabriel, contra um niilismo de valores se dá através da percepção de que existem diversas maneiras de encarar a mesma realidade na qual vivemos. Assim, Gabriel faz uma crítica ao cientificismo em geral, enquanto tendência de pensamento segundo a qual tudo inclusive a consciência, autoconsciência e liberdade (RAMÍREZ, 2019, p. 30) poderia ser descrito objetivamente pelos métodos empíricos desenvolvidos, principalmente, a partir da ciência moderna. Gabriel, quer esclarecer que existe uma outra maneira de contemplar a existência para além da que é utilizada pela ciência.

As ciências naturais descrevem uma esfera do universo livre de valores, enquanto a filosofia e as ciências humanas investigam um reino não observável, mas, todavia, objetivamente existente da validade de normas, de que fazem parte princípios morais supremos como o famoso imperativo categórico (GABRIEL, 2022, p. 89).

Contra a tendência antirrealista prematura que reconhece agravada pelo reducionismo naturalista nas investigações (GABRIEL, 2019, p. 437), Gabriel defende um realismo moral, pois coloca que há um âmbito da realidade que existe objetivamente e é constituído pela validade de normas, que não são, por exemplo, reais só na subjetividade humana. Também se coloca contra aspectos do interpretado como nietzscheano. Não pensa que tudo seja interpretação, mas que há o existente além das nossas interpretações, como o universo das ciências naturais, mas também a validade normativa. Esta também não é conquistada só pela afirmação do que somos, mas é algo sobre o qual é necessário um empreendimento teórico e prático. “Como nós somos não é, automaticamente, como nós devemos ser” (GABRIEL, 2022, p. 91).

Não inventamos, porém, valores morais, mas, na melhor das hipóteses, juízos morais, que podem ser corretos ou incorretos. [...] O bem é simplesmente o bem e o mal, o mal [...]. O bem não é nem automaticamente útil, nem o mal é automaticamente danoso [...]. Nem todos que gostariam de prejudicar alguém o conseguem (*Ibid.* p. 97 e 98).

Para Gabriel, Nietzsche confunde valores morais com econômicos, quando quer colocar o que é bom como valendo mais do que o que é mau. Isto porque encara o mais valoroso como fomento, utilidade ou prosperidade do ser humano em geral (NIETZSCHE, *apud.* GABRIEL, 2022, p. 99) e isto, para Gabriel, não se trata de um valor moral, mas econômico, pautado em relações de custo e benefício. A moralidade, para Gabriel, se situa mais, exclusivamente, no proporcionar do bem, quase que independentemente do quanto ela custe, de modo que, em oposição, defende sobre o moralmente válido que:

É sempre já o caso. [...] Redes objetivamente existentes de valores não são realmente influenciáveis pelos seres humanos, mas apenas conhecíveis. [...] A validade de demandas morais está, antes, fundamentada nelas mesmas (GABRIEL, 2022, p. 100 e 101).

Se trata de uma rede objetivamente existente de valores que, para Gabriel, é traçada por duas formulações do imperativo categórico: a “**Lei fundamental da razão prática pura** <-> Aja de modo que a máxima de sua vontade possa sempre valer ao mesmo tempo como princípio de uma legislação universal.” (KANT, *KpV*, § 7, 2016, p. 49, grifos do autor):

O imperativo prático <que> será pois o seguinte: *Age de tal maneira que uses a humanidade, tanto na sua pessoa como na pessoa de qualquer outro, sempre e simultaneamente como fim e nunca simplesmente como meio* (KANT, *GMS*, 2019, p. 73, grifos do autor).

É interessante a maneira como Gabriel articula estas duas formulações do imperativo categórico. Quanto à primeira, que diz respeito a universalisabilidade das ações humanas, é necessário apenas evitar contradições no pensamento ou no querer para realizar uma ou outra ação (SCHÖNECKER, 2014, p. 120). No entanto, sob determinados experimentos mentais, é possível que alguém encontre uma maneira de fazer passar, no crivo da fórmula da universalização, alguma ação moralmente errada e, por isso, tal fórmula, isoladamente, deve ser tomada apenas como uma concepção provisória do imperativo categórico (*Ibid.* p. 128). É possível entender que é como que em diagnóstico para suprir esta deficiência de tal primeira formulação do imperativo categórico que Gabriel articula a do fim-em-si. Não basta que a ação normativamente válida seja concebida como universalizável, mas também deve passar pelo crivo de tratar cada ser humano como o que ele é, um fim-em-si, por poder colocar, pelo seu pensamento, fins para si e os perseguir, agindo autonomamente (*Ibid.* p. 132).

O que interessa à moralidade, para Gabriel, não é a utilidade, mas o aval de ambos estes crivos da razão humana. É possível que as ações que o ser humano reconheça como universalizáveis e considerando a todos como fins-em-si, não lhe sejam economicamente vantajosas, no entanto, esta constatação não basta para que ele deva deixar de praticá-las. No pensamento de Gabriel, o moralmente válido quase independente do quanto ele custa, nem muda se existem, ou não, as condições para efetivamente se cumprir com tal moralidade.

Um morador de rua que se senta em uma coberta. Ele estende a mão para pedir dinheiro. Nisso, nos passam pensamentos pela cabeça como “Não se pode ajudar a todos” ou “Eu não tenho tempo agora” ou também “Coitado, tenho de ajudá-lo!” Infelizmente, também há pessoas que, diante dessa cena, pensam que ele seria culpado [...] e até mesmo que essas pessoas ‘nos’ custariam simplesmente muito dinheiro (GABRIEL, 2022, p. 98).

4. “A história sem fim” analisada a partir de Nietzsche e Gabriel

4.1. A análise sob as concepções de Nietzsche

I) **O Ceticismo:** o espírito científico e primeiro promotor do niilismo, em Nietzsche, encontra-se em “A história sem fim” na figura de Enguivuck, um gnomo. De feições duras e preocupadas, leitor de grandes livros, dedicado estudioso. Acusado de estudar o que não interessa, de convencido e cabeça-dura, mas sustenta poder fornecer boas orientações. Ao questionar se um personagem já tinha ouvido falar dele e vê que não, se ofende, mas assume que é porque tal não frequentava o meio científico. Se o fizesse, com certeza saberia que Enguivuck era o melhor conselheiro no assunto de seu interesse. Diz poder explicar tudo e ter estudado a coisa de todos os modos, por toda a vida, pretendendo publicar grande obra científica. Pensa que só alguém como ele é capaz de saber o que é importante. Acusa o não-cientista de ter boas intenções, mas sempre ter algo a dizer. Não percebe que age da mesma forma. Vê seu trabalho como mais útil que outros mais práticos. Pensa que só o seu tipo de saber é parte dos grandes conhecimentos. Diz não querer fazer palestra científica, reconhece que se perde em pormenores e que é melhor responder perguntas, mas, não se forem muito diretas. Admite, triste, que faltam pormenores à sua pesquisa e pede ajuda. Estudava tudo de observatório, por métodos científicos. Nunca ia ao encontro do objeto de investigação. Colhia descrições de quem ia. Se interessava por dados concretos. Admite que contemplou seu interesse por toda a vida, mas não conseguiu decifrá-lo. Não podia acabar sua obra científica. Tudo parecia envolto por silêncio misterioso e não aparecia ninguém para dizer como preencher isto. Se sentia injustiçado, por trabalhar toda a vida em algo de interesse geral e não receber ajuda. No fim, seu objeto de estudo destrói-se. Ele lamenta e pensa que foi tudo

em vão, que por mais que pudesse escrever o último capítulo da sua obra, não serviria de nada, porque o seu tema já não existia (ENDE, 2022, p. 92-130).

II) O Niilismo: está presente na obra do Ende pois toda a narrativa é movida pelo nada que acomete Fantasia, como doença. Já no primeiro capítulo, “Fantasia em perigo”, o nada é presente como causa do perigo. Quando aparece é em reunião de seres de diferentes regiões. Todos com o propósito de comunicar o acometimento de suas terras pelo nada. Não um buraco, pois isto ainda é algo. Não havia palavras para explicá-lo. Exercia atração irresistível. (*Ibid.* p. 26-33) Seres acometidos pelo nada perdiam membros meios de ação e não sentiam dor, só um nada (*Ibid.* p. 59). O avanço do nada também se correlaciona a doença da “imperatriz Criança” (*Ibid.* p. 34). A imperatriz:

Limitava-se a existir, mas sua existência tinha um significado muito especial: ela era o centro de toda a vida de Fantasia. E todas as criaturas [...] só existiam porque ela também existia. Sem ela nada podia existir [...]. Ninguém podia compreender bem o seu segredo, mas todos sabiam que era assim [...] e todos se preocupavam igualmente com a sua sobrevivência. Pois sua morte seria o fim de todos (*Ibid.* p. 38).

Se descobre que a imperatriz Criança, o centro da vida, que já existia antes do ser mais velho de Fantasia (*Ibid.* p. 68), precisa de novo nome para existir, pois “a vida dela não se mede em tempo, mas sim em nomes. Precisa de um nome novo” (*Ibid.*). O ser que revela isto também reconhece que “tudo é aparência, tudo é um jogo no Nada. Tudo vai dar exatamente no mesmo.” (*Ibid.* p. 67). Assim, parece que um novo nome ser utilizado, a cada momento, para representar o centro da vida, é que impede tudo de se dissolver neste Nada no qual é apenas um jogo. É o que dá sentido ao jogo da vida dos seres de Fantasia, frente ao Nada. Resta o problema de quem pode dar este novo nome à imperatriz Criança, para livrá-la da sua doença e impedir a nadificação do mundo. Para descobrir esta resposta, o personagem responsável por esta busca, precisa atravessar três portas. A que mais chama a atenção, sob o aspecto do niilismo, é a terceira, “a Porta Sem Chave”:

Simplesmente fechada. [...] Não tem trinco, nem [...] nada! [...] o único batente da porta, que fecha hermeticamente, é de selênio fantástico [...]. Ele é absolutamente indestrutível [...]. É precisamente a nossa vontade que o torna tão resistente. Quanto mais queremos entrar, mais hermética se torna a porta. Mas se [...] se esquecer de todas as suas intenções e não quiser absolutamente nada... a porta se abrirá sozinha (*Ibid.* p. 107).

Assim acontece com o personagem para que a porta se abra e ele encontre uma resposta a quem pode salvar o mundo, com novo nome ao centro da vida. Descobre, em poesia, que:

Os filhos de Adão, justo é o nome \ [...] As filhas de Eva, a raça dos homens, \ cujo sangue a Palavra encerra. \ Desde os primórdios possuem todos \ O dom de as coisas nomear. \ E à imperatriz Criança, em tempos outros, \ Podiam eles vida e nome dar. \ E davam-lhe lindos nome, \ [...] Pois vinham a Fantasia, os homens, \ E o caminho não sabem mais. \ Esqueceram-se de que existimos, \ [...] De lá viesse um ser pequenino, \ Para nosso problema, então, resolver! \ [...] P’ra eles é fácil (*Ibid.* p. 122).

Cabe ao ser humano dar novo nome ao centro da vida. A vida humana é encerrada pela palavra e desde os primórdios da sua existência ele nomeia o que há ao seu redor. Problema é que parece ter esquecido deste mundo de Fantasia, hipotético, de ideias, teorias e conjecturas, de nomes dados por ele. Isto faz com que o nada avance.

III) O Ideal Ascético E A Figura Do Camelo: são destacadas, aqui, principalmente, através da figura de Atreiu. É o herói escolhido pela imperatriz Criança para partir na “Grande Busca” pela cura à sua doença. Seu nome significa, na “Grande Língua” de Fantasia, “Filho de Todos” (*Ibid.* p. 49). Era uma criança de grupo de seres que:

Levavam uma vida muito modesta, dura e severa [...] de se habituar a suportar o frio, o calor e grandes privações [...] Gostavam da luta leal, e muitas vezes acontecia de ser o caçador, e não o animal, a perder a vida [...] amavam e veneravam os búfalos [...] pensavam que só tinham o direito de os matar se também estivessem dispostos a ser mortos por eles (*Ibid.* p. 42-44).

Atreiu é chamado pela imperatriz e aceita a responsabilidade posta como carga sobre si, para dar resposta a todos, sob os desígnios de um superior, que é a imperatriz. Atreiu é guiado por um amuleto, “AURIN”, correspondente à presença da imperatriz. Também é orientado a não intervir, não ter opinião pessoal, partir sem armas, deixar o necessário acontecer, não fazer juízos de valor e só procurar ou perguntar pela resposta, sem decidir por si (*Ibid.* p. 49).

IV) A Vontade De Poder: como critério para transvaloração dos valores é apresentada por uma provocação do Sr. Karl Konrad Koreander alfarrabista proprietário da loja na qual a história se inicia para o gordo e pálido garoto de pernas tortas, Bastian Baltasar Bux, que lá encontra o livro “A história sem fim”, em torno do qual se passa a história do Ende. Bastian chegou à loja do Sr. Koreander se escondendo, ao fugir de colegas de escola que o maltratavam. O Sr. Koreander questiona por que não lhes deu um murro no nariz. Bastian diz não gostar de brigar. Porém, em seguida, quando “A história sem fim” chama a sua atenção, pela sua paixão por literatura, decide roubá-lo. Afirma a sua própria vontade (*Ibid.* p. 5-13).

É sobre Bastian que se trabalha a temática da vontade de poder. Isto se confirma quando Bastian entra em Fantasia, para dar um nome de sua autoria à imperatriz Criança e salvar a todos do nada. Ele o faz pronunciando tal nome (*Ibid.* p. 212). Dá a entender que é quando se fala sobre Fantasia, mundo hipotético, que não se sabe se é real, que ele ganha realidade. Bastian entrar neste mundo é decisivo para perceber que é sobre ele que a vontade de poder se mostra como critério de transvaloração, pois, quando acontece, ele se encontra a sós, em uma escuridão, com a imperatriz Criança e recebe, dela, a orientação de que deve desejar pelo que quiser. Toda Fantasia renasceria dos seus desejos (*Ibid.* p. 216). Assim, Bastian conquista o direito de só seguir a ordem: “Faça o que quiser” (*Ibid.* p. 222). É isto que lhe dá condições de transvalorar os valores que possuía anteriormente, mesmo que, no fim, não seja uma criação de novos valores, mas sempre o retorno de outros, perdidos.

V) O Eterno Retorno E A Figura Do Leão: A ideia do eterno retorno se faz presente em “A história sem fim” quando Bastian vê a imagem da capa do livro na loja do Sr. Ko-reander: “descobriu duas serpentes, uma clara e outra escura, que mordiam uma a cauda da outra, formando uma figura oval.” (*Ibid.* p. 11) É o eterno encontro com o oposto, na medida em que a serpente clara engole sempre a cauda da escura e a escura engole sempre a cauda da clara. Esta mesma imagem também se encontra no amuleto AURIN (*Ibid.* p. 41), que representa a presença da imperatriz Criança, o centro da vida de Fantasia.

O eterno retorno também está presente quando Bastian deseja pela nova Fantasia. Surge “Perelim, a Floresta Noturna” (*Ibid.* p. 219). O tempo passa e Bastian percebe que “não estava disposto a contemplá-la eternamente. Seria agradável, por exemplo, vaguear durante algum tempo num deserto” (*Ibid.* p. 232). O sol nasce e destrói Perelim, deixando “Goab, o Deserto das Cores” de areia colorida (*Ibid.* p. 234). Assim, há cenários semelhantes às serpentes, um escuro e um claro. No deserto, Bastian encontra um leão, “Graograman, a Morte Multicolor” (*Ibid.* p. 238). Bastian diz que gostaria de sair do deserto, mas ele o diz que é impossível, pois o leva consigo, onde está, não pode haver outra criatura viva e Bastian só resistiu porque tinha AURIN consigo. Graograman leva Bastian a seu castelo. Lá, acontece o mesmo de sempre. Noite caiu, Graograman se tornou pedra. Perelim cresceu da areia de Goab. O dia nasceu, a floresta foi virou a areia e Graograman voltou à vida. Como sempre (*Ibid.* p. 247 e 248).

VI) O Horror Vacui: Também são dois os momentos em que o *horror vacui* se faz presente com mais evidência. O primeiro é quando Atreiu encara Gmork, uma criatura das trevas que estava presa em um local e só quem o havia prendido poderia soltá-lo, mas era tarde, pois tal ser “precipitou-se no Nada... como todos os outros. [...] Mas por

quê? [...] Por que não fugiram? Tinham perdido a esperança. Isto torna as pessoas fracas. O Nada as atrai irresistivelmente e nenhuma delas consegue resistir durante muito tempo.” (*Ibid.* p. 157) Sem esperar nada para o seu futuro, é natural à criatura preferir querer o nada, frente a nada querer.

O horror ao vazio também se faz presente quando, no princípio da nova Fantasia, a imperatriz Criança diz a Bastian que era mau ele não ter nenhum desejo, pois se não desejasse qualquer coisa, não haveria Fantasia e a escuridão prevaleceria para sempre (*Ibid.* p. 216).

VII) A Figura Da Criança E O Além-Do-Homem: Evidentemente, a figura da criança é relevante em “A história sem fim”, na medida em que os dois personagens principais, Bastian e Atreú são, ambos, crianças. A imperatriz, que é o centro de toda a existência de Fantasia, também é uma criança. Como já foi explicitado, também é Bastian, enquanto criança, que é capaz de dar um novo nome à imperatriz e salvar a existência de Fantasia do Nada, criando-a novamente, segundo seus livres desejos, para fazer o que quiser. Também é através desta forma criativa de ser da criança que o além-do-homem se faz presente na obra do Ende. Isto na medida em que, com os seus desejos, Bastian acaba por tornar-se um homem, adulto e esquecer que um dia já fora criança (*Ibid.* p. 353). Isto aconteceu porque, quando criança, pensava que alguém à altura da imperatriz Criança fosse pessoa “corajosa, forte e bonita... um príncipe, ou qualquer coisa assim... e não uma pessoa como eu.” (*Ibid.* p. 220 e 221). Logo em seguida, a imperatriz Criança diz que vai lhe mostrar uma coisa e Bastian entra em uma espécie de encantamento no qual voltou a si como um lindo jovem, belo filho de um rei. É assim que Bastian começa a fazer valer os valores que tinha quando era criança e pensava serem os de alguém digno de salvar o centro da existência.

Mas fazer valer valores de autoafirmação o levam a parecer “estar vivendo um sonho mau de que não era capaz de acordar. Sua vitória era amarga como o fel” (*Ibid.* p. 397). É este fracasso levando primeiros valores ao extremo que o permite ir além. “Bastian tem de renunciar a tudo o que a imperatriz Criança lhe deu” (*Ibid.* p. 462) e é isto que o permite sair de Fantasia de volta para o seu mundo. Novamente como criança, mas além-do-homem que era antes, apesar de que, também, a mesma criança que fora, no começo da história. Porém, com valores transvalorados.

De agora em diante vai ser tudo diferente [...] Há pessoas que não podem ir a Fantasia [...] e há pessoas que podem, mas ficam lá para sempre. Porém há outros que vão a Fantasia e regressam. [...] E são esses que devolvem a saúde aos dois mundos (*Ibid.* p. 470 e 473).

4.2. A análise sob as concepções de Gabriel

I) A Primeira Proposição Principal Da Ontologia Positiva: A noção de que há uma infinidade de campos de sentidos e de que nunca chegamos a um último, que abarque todos os outros, que seria o mundo, fica evidente em “A história sem fim” quando se constata “que Fantasia não tem fronteiras” (*Ibid.* p. 140).

Porém, se descobre que Fantasia tem, sim, fronteiras. Bastian pergunta a outra personagem se ela sabe onde ele poderia encontrar as “Águas da Vida” e a resposta é: “Na fronteira de Fantasia [...] Mas Fantasia não tem fronteiras [...] Tem, mas não são exteriores, são interiores. Situam-se onde a imperatriz Criança vai buscar o seu poder e ela própria não pode ultrapassá-las” (*Ibid.* p. 436). É possível entender que isto não contradiz o pensamento do Gabriel, mas apenas constata que é graças aos campos de sentido internos a este suposto último campo de sentido que seria o mundo, mas não existe que o centro da existência tem alguma possibilidade de realização. Um exemplo de como explicar isto é a necessidade que o ser humano tem de utilizar incontáveis campos de sentido para desenvolver todos os seus conhecimentos para agir, desde os mais simples, aos mais complexos.

II) O Niilismo Moderno: O temor de tudo desabar graças à percepção da não existência do mundo é representada, em “A história sem fim”, logo após Atreiu descobrir que Fantasia não tem fronteiras externas. “Calou-se. Sentia-se como se tivesse levado uma pancada na cabeça. Não se lembrara sequer da possibilidade de Fantasia não ter nenhuma fronteira. Tudo fora inútil” (*Ibid.* p. 141).

Outro momento, anterior, no qual a afirmação de tudo ser em vão vem à tona é quando o objeto de estudo de Enguivuck, o gnomo cientista, se encontrou destruído à sua frente.

Foi tudo em vão! [...] O trabalho de toda uma vida, minhas investigações, as observações feitas ao longo de tantos anos... Tudo em vão! [...] verifico que não serve para nada, que é completamente supérfluo, que ninguém quer saber dele, que não vale um tostão, que não interessa a ninguém, porque o tema tratado já não existe! (*Ibid.* p. 129).

III) O Realismo Moral: Que existe uma realidade moral, em resposta a como se deve agir, para além da subjetividade humana, na obra do Ende, fica evidente quando tudo o que Bastian faz pautado nos seus ideais subjetivos, ao entrar na nova Fantasia, criada por ele, o leva a renunciar tais ideais, porque eles não eram genuinamente bons. Um exemplo é o de quando sente pena dos “Aiaiai! As criaturas mais infelizes de Fantasia” (*Ibid.* p. 310) Moravam nas profundezas da Terra para se esconderem do sol, pois eram muito feios e choravam sempre (*Ibid.* p. 311). Pediram a Bastian que lhes desse outra

aparência e ele os transformou em “Gargalhadas, As Que Riem Sempre!”. Se tornaram grandes perturbações, que diziam: “- Podemos fazer tudo o que não é proibido. E quem é que nos proíbe alguma coisa? Somos as Gargalhadas! [...] E sempre a gritar e a rir” (*Ibid.* p. 315 e 316). Bastian não sabia se tinha feito algo bom. No final da sua trajetória, Bastian volta a ser perturbado por estes seres que ele mesmo havia criado, pois desejavam voltar a ser os Aiaiai. Agrediram-no e reduziram a pó um objeto que levava consigo e era o que pensava ser sua última esperança. “Tudo se perdera para ele” (*Ibid.* p. 455), pois teve pena de seres que julgou inferiores a ele e quis ajudá-los, porém, sem considerá-los como fins-em-si e sem avaliar se todos poderiam ser como desejou que fossem.

No fim, Bastian tem que renunciar a todos os valores que a imperatriz Criança lhe permitiu vivenciar em Fantasia, que eram os que julgava nobres, mas com eles, nada lhe restou, nem mesmo seu nome (*Ibid.* p. 450), esqueceu completamente de quem era. Foi neste momento que ele encontrou a condição para voltar a ser quem era no início.

Sabia outra vez quem era e a que lugar pertencia. Nascera de novo. E o melhor de tudo era que queria ser precisamente quem era. [...] Pois sabia-o agora: havia no mundo milhares de formas de alegria, mas no fundo todas elas se resumiam a uma única: a alegria de poder amar (*Ibid.* p. 463).

5. Conclusão

O niilismo, em Nietzsche, é a certeza da não fundamentabilidade do que há quando se consideram os valores tidos como dignos de reconhecimento. No pensamento do Gabriel, é a constatação de que no fim nada faz sentido. Em Nietzsche, o seu primeiro aspecto é relacionado ao ceticismo cientificista. Corresponde à crítica de Gabriel, que diz ser atingido pelo nada, caso tudo reduza-se a materialidade. Isto apresenta-se em “A história sem fim” pela figura do gnomo Enguivuck. A figura do camelo e o ideal ascético também são reconhecíveis na obra do Ende, pelo caráter de Atreiu. A questão da vontade de poder como critério valorativo também é tratada no Sr. Koreander, mas principalmente com Bastian, ao entrar em Fantasia e realizar seus desejos. O eterno retorno representa-se no símbolo da capa de “A história sem fim”, em AURIN, na vida do leão Graograman e no todo da obra, quando Bastian inicia como criança, torna-se adulto e volta a ser quem era, mas com valores transvalorados. O *horror vacui* é presente na forte atração do nada sobre os seres esvaziados, que preferiam querer o nada, a nada querer. Toda a história é movida por crianças: Bastian, a imperatriz e Atreiu. Também é Bastian que representa o além-do-homem. Quanto aos conceitos do Gabriel, “A história sem fim” concorda com o argumento de que não há uma última fronteira, que seria o mundo, já que Fantasia não tem fronteiras exteriores. A partir de, no fim, verificar-se alguma não

existência e muito parecer em vão, Ende representa o temor do niilismo moderno. Na conclusão da história, é clara a noção de Gabriel segundo a qual é possível erguer valores. Não arbitrariamente, em última instância, pois há um bom valor ao agir, que Bastian necessita atingir. Apesar de Gabriel não influenciar Ende, suas noções parecem complementar filosoficamente a análise, pois quanto a valores, “A história sem fim” não se filia completamente aos erguidos por Nietzsche, de pura autoafirmação, para além do bem e do mal. Antes, define bem que o bom é a alegria de poder amar.

Referências

- CHEVITARESE, Leandro. **Sobre o problema da cognoscibilidade da coisa em si**: a crítica de Schopenhauer a Kant. *Aurora*: Curitiba, v. 30, n. 49, p. 146-158, jan./abr. 2018.
- ENDE, Michael. **A história sem fim**. Trad. Maria do Carmo Cary. 12ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2022.
- FERRAZ, Maria Cristina Franco. **“Das três metamorfoses”**: ensaio de ruminação. O que nos faz pensar: Rio de Janeiro, n. 14, p. 43-53, ago. 2000.
- GABRIEL, Markus. **Ética para tempos sombrios**. Petrópolis: Vozes, 2022.
- GABRIEL, Markus. **O sentido da existência**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016 a.
- GABRIEL, Markus. **Por que o mundo não existe**. Petrópolis: Vozes, 2016 b.
- GABRIEL, Markus. **Realismo neutral**. *Estudios Filosóficos*: Logroño, v. 68, n. 199, p. 435-157, 2019.
- HEIDEGGER, Martin. **Nietzsche II**. Trad. Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.
- ITAPARICA, André Luís Mota. **Nietzsche e Paul Rée**: o projeto de naturalização da moral em *Humano, demasiado humano*. *Dissertatio*: Pelotas, v. 38, p. 57-77, dez./mar. 2013.
- KANT, Immanuel. **Crítica da razão prática**. Trad. Monique Hulshof. Petrópolis: Vozes, 2016.
- KANT, Immanuel. **Fundamentação da metafísica dos costumes**. Trad. Paulo Quintela. Lisboa: Edições 70, 2019.
- MACHADO, Lucas Nascimento. **(Un)Bestimmtheit e (Da)Sein, ou: é real a indeterminação?** Algumas observações sobre o novo realismo de Gabriel. *Outramargem*: Belo Horizonte, n. 9, p. 81-96, jan./jun. 2019.
- NASCENTES, Antenor. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica et al. 1955.
- NIETZSCHE, Friedrich. **Assim falou Zaratustra**: um livro para todos e para ninguém. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- NIETZSCHE, Friedrich. **Genealogia da moral**: uma polêmica. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia de Bolso, 1987.
- NIETZSCHE, Friedrich. **Humano, demasiado humano**: um livro para espíritos livres. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia de Bolso, 2000.

NIETZSCHE, Friedrich. **Vontade de poder**. Trad. Marcos Sinésio Pereira Fernandes, Francisco José Dias de Moraes. Rio de Janeiro: Contraponto, 2008.

RAMÍREZ, Mario Teodoro. **Existencia y libertad. De la crítica al neurocentrismo a la conciencia encarnada**: Makus Gabriel y Merleau-Ponty. Metis: Buenos Aires, n. 1, p. 29-45, 2021.

RÉE, Paul. **A origem dos sentimentos morais**. Trad. André Itaparica e Clademir Araldi. São Paulo: Editora Unifesp, 2018.

RUBIRA, Luís. **Uma introdução à transvaloração de todos os valores na obra de Nietzsche**. Tempo da Ciência: Toledo, v. 12, n. 24, p. 113-122, jul./dez. 2005.

SCHÖNECKER, Dieter e WOOD, Allen W. **A “Fundamentação da metafísica dos costumes” de Kant**: um comentário introdutório. Trad. Robinson dos Santos e Gerson Neumann. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

SOUSA, Raylane Marques. **Nietzsche, pensador crítico da ciência e da história na modernidade**. Temporalidades: Belo Horizonte, v. 7, n. 2, p. 380-393, mai./ago. 2015.

ULGUIM, Daltro Lucena. **Nietzsche e a transvaloração dos valores decadentes**: do além-do-homem ao “tipo nobre”. Dissertação. Universidade Federal de Pelotas. Pelotas, 127 p. 2012.

VIEIRA, Maria de Fátima Batista. **Da história enquanto objeto de investigação à filosofia histórica experimental em Friedrich Nietzsche**: conexões entre II consideração extemporânea e Humano, demasiado humano. Dissertação. Universidade Federal de Goiás.